

O processo de formação do estereótipo dos imigrantes haitianos em Lajeado, Rio Grande do Sul

Fernando Diehl¹

RESUMO

O presente artigo é produto de uma pesquisa na qual buscou-se compreender o fenômeno da estigmatização que imigrantes haitianos residentes no município de Lajeado no Rio Grande do Sul recebem por parte de moradores locais estabelecidos. O artigo analisa o fenômeno da construção do estereótipo do imigrante haitiano que surge na interação social, para isso, utilizou-se de instrumentos qualitativos para a coleta de dados, entre eles a observação, entrevista semiestruturada com grupos de habitantes locais e informações vinculadas pela mídia local. Tal artigo pretende dialogar com a questão da reconfiguração das relações étnico-raciais, assim como o debate acerca do estranhamento oriundo das relações sociais entre distintos grupos sociais. Demonstrando que o recente fluxo migratório para o Brasil de imigrantes negros não foi bem acolhida pela população autóctone.

Palavras-chave: Imigração Haitiana; Estereótipo; Estigmatização; Relações étnico-raciais

ABSTRACT

This article is a result of a research in which it was sought to understand the phenomenon of stigmatization that Haitian immigrants residents in Lajeado in Rio Grande do Sul receives by established locals. The article analyzes the phenomenon of the construction of the stereotype of the Haitian immigrant that emerges in the social interaction, for that, qualitative instruments were used for the data collection, among them the observation, semi-structured interview with groups of local inhabitants and information linked by the media local. This article intends to engage with the issue of reconfiguration of ethnic-racial relations, as well as the debate about the estrangement arising of social relations between different social groups. Demonstrating that the recent migratory flow to Brazil of black immigrants was not welcomed by the autochthonous population.

Keywords: Haitian immigration; Stereotype; Stigmatization; Ethnic-racial relations

1 Doutorando em Sociologia pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

O presente artigo é produto de uma pesquisa na qual buscou-se compreender o fenômeno da estigmatização que imigrantes haitianos residentes no município de Lajeado no Rio Grande do Sul recebem por parte de moradores locais estabelecidos. A questão da chamada como “nova imigração”, que na verdade é mais especificamente o crescimento das migrações internacionais, tem se tornado uma constatação em diversas regiões do mundo (MAGALHÃES, 2013, p.27), sendo assim, um assunto de grande pauta nas diversas esferas da sociedade. Todavia, o tema das migrações ao longo da construção do conhecimento das ciências sociais foi ignorado por autores denominados de clássicos, ficando muitas vezes às margens “dos principais debates paradigmáticos nesta ciência” (PEIXOTO, 2004, p.5). Atualmente apresenta-se um crescimento de pesquisas nas diversas áreas das ciências sociais para a compreensão do fenômeno das recentes migrações internacionais. Entre essas “novas imigrações” é presenciado nos últimos anos um crescente número no processo de migração haitiana ao Brasil.

O artigo analisa o fenômeno da construção do estereótipo do imigrante haitiano que surge na interação social no município de Lajeado, no Rio Grande do Sul, para isso busca analisar o fenômeno da estigmatização dos imigrantes haitianos pelos moradores locais, chamados aqui neste artigo tanto de estabelecidos como de lajeadenses. Visto que a recepção destes imigrantes não tem sido tão pacífica, diferente da imagem que o Brasil tenta vender para os demais países como um país acolhedor, esta nova imigração trouxe à tona casos de xenofobia (ZENI; FILIPPIM 2014, p.13) e outras formas de discriminação.

Este artigo é proveniente de uma pesquisa cujo objetivo era o de compreender e descrever a relação social entre os moradores estabelecidos de Lajeado e dos imigrantes haitianos, tendo como principal foco analisar a estigmatização dos haitianos pelos lajeadenses, visto que a partir da estigmatização dos haitianos que a população estabelecida constituiu o estereótipo destes.

Para a coleta de dados foi utilizado a observação sistemática, pois foram observados locais específicos e corriqueiros de interação social cotidiana, como praças, ruas centrais e festas típicas. Junto à observação ocorreu conversas informais com moradores estabelecidos (os assim chamados lajeadenses, homens e mulheres brancos) e imigrantes haitianos. Também foi utilizada a entrevista semiestruturada com vinte e um indivíduos, sendo vinte deles homens e mulheres lajeadenses e um haitiano. Por fim, foi coletado informações das fontes midiáticas locais, tanto jornais, como programas de radio e internet.

A pesquisa está sendo realizada no município de Lajeado, que é localizado no Vale do Taquari, no Rio Grande do Sul. O censo de 2010 do IBGE apresentava que Lajeado possuía 71.481 habitantes, já a estimativa de habitantes para o IBGE em 2016² é de que existem 79.172 habitantes. A cidade tem sua origem em 1760 quando 14 casais açorianos fixam-se em Taquari. Posteriormente os imigrantes alemães estabeleceram-se na região em 1854 e os italianos estabeleceram-se em 1882. Situado na região do Rio Taquari, o município de Lajeado foi fundado oficialmente em 27 de janeiro de 1891. É considerada a cidade mais importante do Vale do Taquari, é localizado a 110 km de Porto Alegre. Quanto à questão econômica, o grande destaque é na industrial alimentícia, **mas também o comércio é importante na cidade. Hoje o município possui uma área geográfica total de 90,419 km²** conforme IBGE³, prioritariamente urbana⁴, já que apenas 12,53% desta área permanecem situadas na periferia rural. É interessante salientar a existência de uma grande oferta de empregos na região foi um dos desencadeadores de uma vinda de mão de obra de outras regiões do país, assim como indivíduos de outros países, principalmente provenientes das migrações haitiana, senegalesa e indiana.

Acerca da migração dos haitianos para o Rio Grande do Sul, há três cidades gaúchas de maior concentração dos mesmos: Bento Gonçalves, Caxias do Sul e Lajeado (ALMEIDA; BRANDÃO, 2015), cidades que se localizam na Serra Gaúcha e Vale do Taquari, que foram as regiões que mais importaram a mão-de-obra imigrante (não apenas haitiana) no período do recente fluxo migratório em meados de 2010. É importante salientar que a população imigrante foi recrutada como alternativa para suprir ofertas de trabalho já existentes

2 Disponível em <http://cidades.ibge.gov.br/xtras/perfil.php?codmun=431140>, acesso em 01/12/2016.

3 http://www.ibge.gov.br/home/geociencias/areaterritorial/area.php?nome=Lajeado&codigo=4311403&submit_x=42&submit_y=10
Acesso em 16/09/2015

4 http://www.censo2010.ibge.gov.br/sinopse/webservice/frm_pu_hom_mul.php?codigo=431140
Acesso em 16/09/2015

na região (MEJÍA; et al., 2014) do Vale do Taquari, os imigrantes vieram para exercerem funções nas indústrias – principalmente no ramo alimentício - e construção civil local.

Deve-se destacar que empresários da região viajaram até Tabatinga e Brasília para contratar imigrantes, após essa primeira leva de haitianos que chegaram na cidade e região devido à ação dos empresários, os haitianos em suas redes de contatos informavam seus contatos que na região sul e sudeste havia muitas oportunidades de emprego, o que direcionava estes imigrantes a irem até estas regiões (MEJÍA; SIMON, 2015). Os imigrantes estavam chegando nas cidades do interior dos estados da região sul, em menos de um ano, em 2013, cidades do Rio Grande do Sul como Encantado, Lajeado, Caxias do Sul receberam entre 200 a 500 haitianos⁵ trabalhando em frigoríficos, no abate de aves e suínos (HANDERSON, 2015) e também na construção civil. O objetivo dos imigrantes era alcançar as regiões do país com maior oferta de trabalho (RIBEIRO DE OLIVEIRA, 2015) e conforme suas redes de contatos foram se estabelecendo e tecendo suas sociabilidades, houve um crescente aumento do movimento migratório haitiano para o sul do Brasil (SANTOS; CECCHETTI, 2016), justamente por ser uma região com uma grande oferta de emprego na época.

ESTIGMAS E ESTIGMATIZAÇÃO

O artigo, parte do pressuposto epistemológico de que a estigmatização é uma construção social (DIEHL, 2015), ela surge nos processos de interação social cotidianos entre os atores envolvidos. É no processo de interação em espaços sociais cotidianos que tanto moradores locais como os imigrantes transitam, trocam olhares, interagem, da mesma forma que evitam contato. Ao considerar que a estigmatização é construída socialmente no processo de interação social, pode-se dizer que esta característica não é estática, mas está em um processo contínuo de formação e ressignificação. O artigo pauta-se na interação cotidiana para buscar verificar quais são os elos simbólicos que exercem esta ressignificação de discriminação contra um grupo recentemente migrado para um espaço social específico.

A estigmatização de grupos imigrantes que foram racializados são decorrentes do fato deles serem estrangeiros na realidade em que se encontram, isto desenvolve um estranhamento e desconfiança por parte da população local ao mesmo tempo em que esses imigrantes são de um grupo étnico distinto da maioria da população local. Os estigmas são construções sociais que se originam de atitudes carregadas de pré-conceitos de pessoas que se consideram pertencentes a um grupo superior, isto pode vir a “desenvolver relações xenófobas e racistas, na qual serão destacados elementos que diferenciam os grupos, reafirmando estereótipos, padronizando conceitos sobre um grupo, alimentando e/ou intensificando comportamentos discriminatórios” (TELLA, 2008, p.155). A exaltação da tradição local é uma forma que alguns grupos estabelecidos usam frente à ameaça da vinda de estrangeiros.

Os imigrantes haitianos devido a seus fenótipos ser muito diferente da maioria da população local causa um estranhamento, este estranhamento desenvolve-se em estigmas que tomam forma a partir da constatação de sua cultura ser diferente da dos locais. Os estigmas contra os imigrantes são uma forma que o grupo dominante usa para exercer sua dominação. Para isso, em suas redes de focas transmitem informações sobre características nas quais estes imigrantes supostamente possuem, tornando-os indivíduos desacreditados, ou seja, cuja virtude está sempre em cheque. São considerados como um mal necessário – trabalhadores dos setores que careciam de mão-de-obra – mas que devem ser constantemente vigiados para não extrapolar suas características nos lugares indesejados.

O processo de estigmatização torna-se uma estratégia para a dominação um grupo étnico imigrante. Os estigmas que são associados à cor da pele, ao local onde moram atualmente e também região de origem servem como instrumentos dos dominantes para desqualificar

⁵ Números especulativos, pois apenas pode-se constituir uma fotografia social acerca disso, pois a polícia federal não possui o registro de todos os imigrantes – pois soma-se também os que entraram de forma clandestina ao país – da mesma forma que muitos imigrantes chegavam na cidade, trabalhavam por um curto período e trocavam posteriormente de cidade.

e inferiorizar os imigrantes ou outro grupo étnico minoritário. A estigmatização que é construída e mantida pelos estabelecidos para manterem seu monopólio do sentido de visão de mundo pode acarretar em casos extremos de discriminação, na qual ocorre violência física contra os imigrantes.

O ESTEREÓTIPO DO IMIGRANTE HAITIANO

Apresentaremos agora por fim, acerca de como a estigmatização dos haitianos desencadearam na formação do estereótipo deles. O principal aspecto que deve ser destacado é que o estereótipo dos imigrantes haitianos não surgiu repentinamente, ele foi um processo decorrente de determinados fatores. O primeiro é que esses imigrantes chegaram na cidade repentinamente em um número bastante significativo, causando o espanto e medo da população local que precisou lidar com um grupo de estrangeiros circulando nos espaços centrais da cidade que havia surgido “da noite para o dia”. Em um primeiro momento essa população associou estes imigrantes utilizando-se de categorias raciais existentes na região acerca dos brasileiros negros, todavia, à medida que a presença destes imigrantes tornava-se mais naturalizada e as informações transmitidas nas redes de fofoca se organizou de determinada forma que possibilitou aos estabelecidos desenvolverem características que seriam pejorativas e na qual diferenciariam estes imigrantes dos brasileiros negros. Portanto' o estereótipo não ocorreu de forma dicotômica a partir de dois aspectos, estes indivíduos são negros e são imigrantes, a categorização do estereótipo dos imigrantes haitianos ocorreu de forma processual.

A construção do estereótipo dos imigrantes haitianos decorreu de dois aspectos, através de estigmatização e conseqüente racialização dos haitianos por parte da população estabelecida. Esses imigrantes eram negros, diferentes da maioria da população local, o que causava o estranhamento inicial. No primeiro momento os haitianos foram relacionados de maneira semelhante a que a população estabelecida considera que os brasileiros negros são, isto é, os haitianos foram considerados em um primeiro momento como vagabundos e fedorentos, que conforme é relatado em conversas informais é o estereótipo que a população de Lajeado costuma atribuir aos brasileiros negros. Conforme a presença dos haitianos se tornava mais comum novas características foram surgindo, estes imigrantes começaram a ser considerados como barulhentos, principalmente porque eles andavam em grandes grupos, diferente dos brasileiros negros que costumam andar sozinhos ou em pequenos grupos, menores que os dos haitianos, o que já gerava uma sensação de barulho e incomodo para os locais, mesmo que se os mesmos encontrassem em grupos maiores e com som alto no carro, esta questão era desconsiderada. Em um primeiro momento a população estabelecida questionou se esses imigrantes iriam trabalhar, se não seriam uns “vagabundos” como consideram os brasileiros negros. Como os haitianos foram vistos como muito trabalhadores, essa característica logo foi enaltecida, mas, esperavam que os haitianos trabalhassem e apenas isso, no tempo livre que desaparecessem em suas casas afastadas. Os brasileiros consideravam estes imigrantes como agentes que estavam trazendo doenças para a cidade, nisto eles faziam uma confusão de informações, pois associavam o Haiti com a África, continente este que existe todo um imaginário de ser um péssimo lugar, apenas com miséria, fome e todas as doenças possíveis, logo, estes imigrantes negros estariam trazendo para a região doenças e um “atraso cultural”.

A população lajeadense precisou lidar com duas marcas de identificação destes imigrantes, primeiro a de que eles eram negros, o que saltava aos olhos dos estabelecidos devido à grande diferenciação fenotípica da maioria da população da cidade, mas para além disso, estes negros eram imigrantes indesejados, o que trazia uma série de complicações pois não sabiam com quem estavam lidando, esse imigrante era um alienígena que havia chegado no local, para “piorar” a situação dos estabelecidos, estes “novos negros” não sabiam o seu “lugar” na sociedade, estavam rompendo com contratos não escritos, circulando e ocupando espaços que até então a população estabelecida branca apenas usava, esse rompimento de “roteiro” além do desconforto gerou nos estabelecidos o anseio de categorizar este grupo para poder manter a sua legitimidade como grupo dominante.

Devido ao fato de que os estabelecidos que transmitem as informações e estigmas

dos haitianos não se relacionam com eles, o estereótipo tende a ser exagerado, quase caricaturado, tipificando todos os imigrantes como um perfil só. Este perfil surge nas redes de fofocas, o que corrobora para a disseminação do preconceito contra os imigrantes, pois sem ter interação com os imigrantes, os mesmos não conhecem de fato quem eles são. O estereótipo assim como os estigmas são construídos pela pequena parcela da população que é abertamente contra a presença destes imigrantes e reproduzida pela população indiferente à presença destes imigrantes, que os associa como verdades.

Porém estes signos racistas não são os mesmos que os brasileiros brancos utilizam contra os brasileiros negros, pois o racismo é modificado conforme o desejo de um grupo manter a legitimação de seu discurso e sua forma de ver o mundo. Consequentemente, estes haitianos, embora vistos em sua maioria com louvor como muito trabalhadores, os mesmos só servem para as funções básicas e necessárias para a região. Já outros aspectos e anseios, como seus desejos de melhorar de vida, inclusão, sociabilidade, e suas visões de mundo ou sua cultura é subjugada e considerada como inferior e que deve ser excluída.

Portanto, construiu-se assim a forma do estereótipo do haitiano, sendo todos os imigrantes na cidade possuindo essas características que seriam inerentes a todos os imigrantes. O “haitiano” se apresenta como um indivíduo muito trabalhador, mas que é meramente uma mão-de-obra a ser utilizada e descartada, esta “raça” de haitianos é muito barulhenta, eles são ignorantes, fedorentos e pessoas dissimuladas, pois podem ser terroristas disfarçados, são portadores de males exteriores que vão vir destruir a terra “perfeita” dos estabelecidos, trazendo doenças como AIDS (que já existia na cidade) e outros males. O principal para muitos estabelecidos é de que possuem uma cultura inferior, e que pode vir a prejudicar a glorificação da tradição europeia da cidade. O haitiano é representado da mesma forma que o estrangeiro do Simmel, um estranho, alguém misterioso, alienígena de todo o resto da cidade. Este estereótipo não surgiu pronto, foi um produto de um processo que os estabelecidos foram formando em suas interações, para estabelecerem e traçarem um perfil tipificado destes imigrantes, construindo assim um estereótipo que mantivesse a sua função na sociedade, trabalhadores braçais, ao mesmo tempo que deixava bastante nítida que eram uma categoria inferior com atributos pejorativos. Tornando assim todos os novos imigrantes na cidade como sendo “os haitianos”.

Em Lajeado, os imigrantes surgem como uma mão-de-obra necessária, então eles ocupam espaços essenciais para o empresariado, que pouco se importava quem estavam contratando, apenas queriam trabalhadores que fossem realizar seu serviço bem feito e de preferência que fossem submissos. Por outro lado, a população local, sentindo-se ameaçada, precisou utilizar-se de subterfúgios para construir simbolicamente uma maneira de permanecerem os detentores do sentido de como é organizado e vivenciado culturalmente a cidade de Lajeado. Segundo os lajeadenses, tais imigrantes deteriam uma suposta cultura incapaz de se assimilar com os valores corretos de como se deve viver e que alguns deles podem considerar como sendo os únicos corretos.

Os haitianos foram estigmatizados principalmente como indivíduos portadores de uma cultura inferior, ao mesmo tempo em que eram fedorentos, barulhentos e ignorantes. As informações acerca deles eram exageradas e caricaturadas pela população dominante para manter a sua legitimidade, os estabelecidos buscaram não interagir com os haitianos, reconhecendo a sua importância, mas os mantendo em seus lugares. O estereótipo do imigrante não surgiu pronto quando este grupo chegou à cidade, para isso, foram utilizadas categorias já existentes, e como essas não se mostravam plenamente convincentes, os estabelecidos construíram outras categorias para estes imigrantes, diferentes das já existentes, formando assim como se apresenta o estereótipo de todos os novos imigrantes em Lajeado, como sendo “os haitianos”.

Procuramos analisar nesta pesquisa como na interação cotidiana entre os indivíduos que vivem em Lajeado é que ocorre a estigmatização dos haitianos. Acerca disso, a fofoca tornou-se um dos principais mecanismos de proliferação das informações distorcidas sobre quem eram os haitianos. Visto que a maioria dos habitantes de Lajeado não interagem com os haitianos, muitos até os evitavam, mantendo uma indiferença frente à presença deles, essa falta de interação fazia com que informações fantasiosas fossem espalhadas pelas redes sociais dos lajeadenses, e os mesmos reproduzissem estas informações pejorativas sobre os haitianos, mesmo estes jamais terem entrado em contato com eles. Neste sentido, muitos que os acusavam de serem barulhentos, sequer moravam – ou transitavam – nos bairros em que os haitianos foram morar.

Por outro lado, eram as pessoas que trabalhavam com os haitianos que mais as ofendiam, principalmente devido ao fato de que eram as poucas que mantinham alguma forma direta de interação com os imigrantes, possibilitando assim como em alguns casos, pudessem inclusive agredi-los, incluindo algumas vezes seus chefes – ou omissão dos mesmos – e superiores. Estes mesmos mantendo a relação apenas no trabalho, ignorando os haitianos quando se encontravam com eles na cidade ao circularem nos tempos livre de socialização. Constituindo assim os imigrantes como indivíduos fundamentais para manter a produção alimentícia e a construção civil funcionando, mas que desaparecessem no resto do tempo em que não era exigida uma mão-de-obra trabalhando.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O que a pesquisa vem apresentando é que, a estigmatização contra os haitianos ocorre de maneira corriqueira, na vida cotidiana entre os moradores da cidade de Lajeado. Ela é construído nos gestos, olhares, conversas e indiferença que os estabelecidos fazem entre si em relação aos imigrantes, acrescentado de uma ressignificação do racismo contra um grupo minoritário, é uma relação de dominação em outra forma. Através da estigmatização dos haitianos surgiu um estereótipo dos mesmos que a população lajeadense construiu em suas redes de fofoca, transmitindo informações exageradas sobre estes imigrantes, visto que a maioria da população não interage com os imigrantes, tais informações tendem a se tornar um tipo ideal constituindo assim um suposto perfil de todos os imigrantes em Lajeado.

O que tem se demonstrando como fator que corrobora para a discriminação contra esta minoria social, é justamente o estranhamento frente ao desconhecido somado a uma indiferença em não querer conhecer os mesmos. Pois Lajeado era uma cidade historicamente estabelecida, tendo como maior parte da população indivíduos que ainda clamam uma identidade imigrante já no passado, é comum se denominarem como alemães e/ou italianos. Na cidade sempre houve um pequeno fluxo de migração de indivíduos vindos de outras etnias, mas nunca de maneira expressiva, sempre um indivíduo ou uma família, até que repentinamente, a partir de 2013, começa a migrar uma grande leva de populações diferentes das estabelecidas, mais especificamente de outro país, o que causa o estranhamento para os estabelecidos, pois a visão de mundo que tinham como a corriqueira e normal, é desestabilizada e precisa ser reordenada, o que causa o estranhamento e desconforto por parte de muitos. Talvez, se a leva de imigrantes não houvesse vindo desta forma tão rápida, a percepção poderia ter sido melhor assimilada pela população local. Pela indiferença da população local é que surgem um sentimento ambíguo em relação aos haitianos, como expresso por um agricultor aposentado, na qual relata que *“infelizmente eles estão aí, não tem o que fazer... mas eles trabalham bastante”*. O haitiano se mostra apenas como uma mão-de-obra, para exercer uma função necessária, o que os estabelecidos não sabem lidar é que não vem um construto sem uma identidade, mas um sujeito social com toda a sua complexidade. Ao vir o imigrante, vem o ser humano. Porém, essas mesmas pessoas que clamam sua ancestralidade imigrante, não a evocam – ou esquecem de proposito – quando este imigrante é um negro. Desconstruindo com isso a visão do brasileiro como um povo receptivo para com as pessoas que vem de outros países, pelo contrário, a indiferença e estigmatização contra um novo grupo migrado se torna algo visualmente manifestado na vida cotidiana e na ação das pessoas que circulam por espaços sociais.

Em consequência desta mudança populacional na cidade, os moradores estabelecidos constroem simbolicamente instrumentos, como a fofoca, para subjugar o novo grupo social pelo próprio medo de não os conhecer. Então, sem o objetivo de entrarem em contato com estes grupos, usam suas redes de interação para a ressignificação de um racismo, agora também com o viés de discriminação contra um estrangeiro, para manterem sua legitimação como o grupo que detém o controle na cidade. Tornando assim, um instrumento de dominação de um grupo dominante sobre um grupo dominado, para com isso, a população estabelecida possa manter o seu controle sobre como se deve viver na cidade.

REFERÊNCIA BIBLIOGRÁFICA

ALMEIDA, Cristovao Domingos; BRANDÃO, Beatriz Montalvão. *Imigração, mídia e sociabilidade dos haitianos*. Revista Observatório, Palmas, v.1, n.3, p.62-79, dez, 2015.

DIEHL, Fernando. *O uso do conceito de Estigma para compreender a discriminação contra o imigrante haitiano no interior do Rio Grande do Sul*. Café com Sociologia, v.4, n.2, p.4-8, mai-jul, 2015.

HANDERSON, Joseph. *Díáspora. As dinâmicas da mobilidade haitiana no Brasil, no Suriname, e na Guiana Francesa*. 430f. Tese (Doutorado em Antropologia Social) – Museu Nacional, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2015.

MAGALHÃES, Giovanna Modé. *As populações Migrantes e Alteridade: Notas e Reflexões a partir dos deslocamentos populacionais contemporâneos*. Aurora, Marília, v. 7, n. 1, p. 27-40, jul-dez, 2013.

MEJÍA, Margarita Rosa Gaviria; SIMON, Renel. *Sonhos que mobilizam o imigrante haitiano: biografia de Renel Simon*. Lajeado, Editora da Univates, 2015.

MEJÍA, Margarita Rosa Gaviria; CAZAROTTO, Rosmari Terezinha; GRANADA, Daniel. *Imigração de haitianos para o Brasil: análises de um processo em construção a partir de um estudo de caso*. IN: Anais da 29ª Reunião Brasileira de Antropologia, 03-06 de agosto, Natal, 2014.

PEIXOTO, João. *As teorias explicativas das migrações: Teorias micro e macro-sociológicas*. Socius Working Papers, Lisboa, n.11, 2004.

RIBEIRO DE OLIVEIRA, Antonio Tadeu. *Os invasores: as ameaças que representam as migrações subsaariana na Espanha e Haitiana no Brasil*. REMHU - Revista Interdisciplinar de Mobilidade Humana, Brasília, ano 23, n.44, p. 135-155, jan-jun, 2015.

SANTOS, Sandra dos; CECCHETTI, Elcio. *Imigrantes haitianos no Brasil: entre processos de (des) (re)territorialização e exclusão social*. Revista de estudios brasileños, Madri, v.3, n.4, p.61-72, 2016.

TELLA, Marco Aurélio Paz. *Estigma e desqualificação social dos negros em São Paulo e Lisboa*. Ponto-e-Vírgula, São Paulo, n.3, p.152-169, 2008.

ZENI, Kaline; FILIPPIM, Eliane Salete. *Migração haitiana para o Brasil: acolhimento e políticas públicas*. Pretexto, Belo Horizonte, v.15, n.2, p.11-27, abril-jun 2014.